

**Falando de afetos e violências: a transfobia na vida de pessoas trans**

**Talking about affections and violence: transphobia in trans people lives**

*Mariana Soares Pires Melo<sup>1</sup>*

GREGORI, Juciane de. ZAMBONI, Marcela. **Relações Afetivas e Violência: Sentidos da transfobia no contexto familiar e amoroso.** João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

Em diversos momentos os estudos sobre violência acabam por debruçar-se em aspectos que naturalmente consideramos duros. No campo das ciências humanas, em especial para pesquisadores que se interessam pelas trajetórias de vida de determinados sujeitos, as análises acabam trazendo à tona realidades por vezes muito dolorosas. Violência não se refere apenas a seu aspecto físico. Crettiez (2011) lembra que ela “é antes de tudo um meio de afirmar a identidade coletiva daqueles que praticam ou, ao contrário, um modo de negar a identidade dos que a sofrem.” (2011, p.17). Como chama atenção Judith Butler: “uma vida não passível de luto é aquela cuja perda não é lamentada porque ela nunca foi vivida, isto é, nunca contou de verdade como vida” (2015, p. 64). Desta forma, a recusa em considerar uma vida como vida é também uma forma de violência.

Assim, as experiências de vida de pessoas trans, aquelas que dão ânimo à letrinha “T” de LGBTQIA+, muitas vezes nos surgem em meio a diversos tensionamentos ligados a ciclos de violência e modos de resistência cada vez mais organizados e ativos. É natural que, após décadas de luta de um movimento que busca sair das sombras da cisheternormatividade (dentro ou fora dos movimentos LGBTQIA+), comecemos a notar com maior profundidade os elementos que atravessam as vivências de pessoas trans, tais como processos que formam aspectos ligados à família, ao trabalho ou às relações afetivas.

Inicialmente desenvolvido como dissertação de mestrado defendida por Juciane de Gregori com a orientação da Professora Marcela Zamboni, no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, no programa de Sociologia, o livro nos apresenta com a análise de falas e trocas a respeito dos significados de violência, gênero, sexualidade, identidade, histórias de vida e

---

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB). Pesquisadora do Grupo de Relações Afetivas e Violência (GRAV/UFPB). Endereço eletrônico: melo.mariana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8213-6830>.

transformações – não apenas físicas – na vida de pessoas trans, a partir de rodas de diálogo promovidas no Espaço LGBT, de João Pessoa, Paraíba.<sup>2</sup>

Aqui o livro de Juciane de Gregori e Marcela Zamboni se coloca como fundamental para os estudos de gênero e sexualidade que tratam das experiências de vida de pessoas trans. As autoras refletem como a transfobia – categoria específica que dá conta de práticas das quais os sentidos de homofobia não dão – participa das experiências dos sujeitos em suas relações familiares (antes e depois da “transformação”) e nas relações amorosas e afetivas nas quais estes indivíduos se inserem. Além de sua introdução e conclusão, o livro está dividido em três capítulos: o primeiro, “Nascer lagarta e (trans)formar-se borboleta”; seguido por “Saindo do casulo e os desafios para voar”; e por fim, “Ser-trans e (r)existir: reflexões sobre laços afetivos e enfrentamento à transfobia”. Neles as autoras tratam de performatividades plurais, de formas de transfobia, de relacionamentos afetivos e amorosos, com especial destaque para os laços familiares, e ainda de modos de existência que se confundem com a própria resistência de cada sujeito.

Para além do binarismo dos gêneros, portanto, destaca-se a reflexão metodológica de Gregori e Zamboni na descolonização do conhecimento a partir de uma perspectiva interdisciplinar (ou *transdisciplinar*) que coloca pessoas trans não como objetos a serem “dissecados”, mas como sujeitos que constituem suas próprias narrativas, (não-)uniformes ou (não-)lineares, mas tensionadas e constantemente reconstruídas – em transformação. Isto fica claro quando a proposta se torna “cada vez mais dialogar com experiências nomeadas por travestis, transexuais, transgêneros, não-binários, queer e tantas outras performances com enquadramentos inclassificáveis” (p.30). Há, desta forma, um bom diálogo entre Teoria *Queer* e trabalho de campo que traduz nas vozes dos interlocutores muito do “fazer” gênero que se constitui no cotidiano e nas necessidades trazidas pelos momentos de vida de cada sujeito (BUTLER, 2017).

Não à toa a escolha dos textos e as perspectivas apontadas nas vozes de participantes da pesquisa ao comparem as trajetórias de pessoas trans e a vida das borboletas. Tanto assim que alguns dos títulos dos capítulos fazem referência ao processo de transição como uma “transformação”, são os casos de “Nascer lagarta e (trans)formar-se borboleta”, e em “Saindo do casulo e os desafios de voar”. Segundo aquelas narrativas, ocorre uma transformação muitas vezes dolorosa, mas libertadora, e que passa por fases de recolhimento, fragilidade,

---

<sup>2</sup> Sempre é válido destacar o trabalho de diversas instituições públicas relacionadas ao acolhimento e à proteção de pessoas LGBTQIA+ na Paraíba. É o caso, por exemplo, da Delegacia de Crimes Homofóbicos, Étnico-raciais e Delitos de Intolerância Religiosa e do Espaço LGBT.

adversidades, dúvidas, sofrimentos, mas também de reconhecimento, de luta, de construção do próprio *self*.

Ao longo da obra destaca-se como as performatividades (BUTLER, 2017) de gênero são na verdade experiências plurais, múltiplas, por vezes fluidas e, desta maneira, capazes de mexer com as bases generificadas da sociedade binária e heteronormativa. Neste sentido, os diálogos e narrativas tratados pelas autoras nos instigam a refletir sobre de que maneira identidades e orientações sexuais participam e constituem as relações amorosas e a economia dos afetos de pessoas trans, que, ao serem quem são, ao perceberem-se no processo de transformação do voo da borboleta, percebem-se não apenas fora da matriz heteronormativa, mas também questionadoras deste sistema. Ao verem-se em “descompasso” com a realidade forçadamente dada, as dores físicas e mentais se traduzem pela exclusão, pelo estigma, pela violência direta, ou ainda pela sensação de incompletude e desconforto.

Nota-se como a obra chama atenção para a relação entre as diversas formas de violência enfrentadas por pessoas trans, muitas vezes desde a infância, e os modos de experienciar a confiança e o afeto. Chama a atenção para o caso de uma interlocutora que, quando criança foi alijada de sua casa, violentada pelos irmãos e por fim abandonada pela família depois que a residência fora derrubada pela queda de um barranco. A partir de narrativas como estas é que Gregori e Zamboni apreendem como “as dinâmicas da transfobia na família também compõem relações afetivas negativadas pela cisnormatividade, nas quais a rejeição e a violência são marcadamente predominantes” (p.83).

As pesquisadoras acertam ao compreender como as relações afetivas e as relações intrafamiliares fazem parte da construção de normas e valores marcados por gênero, raça, geração e sexualidade, que acabam também por promover a hierarquização de sujeitos segundo os mesmos marcadores de que se valem outras esferas da sociedade. O modelo de família “tradicional” não é questionado sem motivo: se nela reside o ideal de amor e cuidado, como explicar aos familiares que violentam e condicionam o amor ao controle da identidade e do desejo de outros?

Bom lembrar como outras formas familiares se constituem nesse contexto. Os apadrinhamentos, por vezes na rua, o uso e reconhecimento dos nomes em acordo com o gênero pelo qual se identificam, os amigos que se organizam como redes de suporte, os afastamentos e posteriores aproximações, ou os desentendimentos que algumas vezes são incapazes de desfazer os laços da primeira família. Notórios os casos de pais e avós que mesmo “sem entender” não desejam o afastamento. Interessa apontar em que lugar (não necessariamente

estático) estão as pessoas trans dentro dos núcleos familiares, daí a importância de analisar elementos como a religiosidade ou o mito do amor materno.

Em outros momentos lemos sobre a busca de certa legitimação da identidade ou do relacionamento, ensejando-se o reconhecimento de experiências previamente excluídas. Diversas falas durante as rodas de diálogo acabam tratando da percepção de que muitos relacionamentos amorosos de pessoas trans ocupam o espaço da “clandestinidade”, no qual se reproduzem relações em segredo, na evitação de espaços públicos ou familiares. No espectro oposto aos que se mantêm em situação de apagamento em seus relacionamentos, estão também aqueles que sofrem com a fetichização, a erotização e a hipersexualização, novamente retirando pessoas trans de uma posição de acolhimento afetivo. Nisto soma-se a percepção da objetificação, interseccionada por questões de raça, classe e geração.

Além disso, as autoras observam como dentro do relacionamento amoroso deve-se falar sobre as formas de transfobia. Um tema importante que abre espaço para o debate entre nós, leitores, sobre a violência doméstica, a aplicação de leis como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), e, em especial, a do Feminicídio (Lei nº 13.104/15), agora também envolvida no debate necessário sobre transfeminicídio. Os temas relativos a relacionamentos amorosos abusivos, a violência doméstica e a inviabilização das pessoas trans dentro dos relacionamentos ocorrem como parte de formas de violência transfóbicas, experienciadas, muitas vezes, como uma extensão aos relacionamentos amorosos.

Gregori e Zamboni então nos convidam a ler sobre formas de descolonizar os afetos, reinventar e transformar outras relações mais afastadas das idealizações e dos estereótipos. Daí reflexões sobre laços afetivos e enfrentamento à transfobia. O debate se coloca a respeito das formas de resistência e de existência das pessoas trans, sejam nas relações amorosas-românticas ou familiares, e nas formas possíveis de enfrentamento da transfobia, tema que na verdade perpassa toda a pesquisa. Como bem colocado por um dos interlocutores: “Como será que a gente pode fazer pra que o futuro garanta melhores condições para aqueles que vêm depois de nós?” (p. 149).

Fica claro que tais formas de (r)existir tem relação direta com a forma como o apoio familiar, seja esta família a direta ou a formada no tempo e nas circunstâncias, é capaz de ajudar os sujeitos a lidarem com a violência, com os medos e na superação das dificuldades que se estabelecem dentro e fora dos espaços públicos. O acolhimento é um ponto central para as autoras. O desenvolvimento do autocuidado e da formação de redes de solidariedade participam

destes contextos de transformação que vão além dos aspectos corporais e mentais da intimidade, e que se estendem a toda comunidade.

O livro, portanto, se insere nos debates sobre violência, especificamente no debate sobre transfobia, a partir de uma perspectiva tão importante quanto os que privilegiam os estudos sobre crimes ou aspectos da saúde física (e por sua vez os estigmas ligados a eles). É importante que se percebam as pessoas trans para além dos temas (não menos importantes) da prostituição ou do crime violento. Isso não significa, claro, deixar de observar como estas expressões da violência também existem e são casos que precisam ser visibilizados. Mas é importante lançarmos olhares para a formação afetiva destes sujeitos, para os aspectos interseccionais que atravessam suas experiências de vida ao longo do tempo. Compreender e ouvir, afastando-se da patologização, com interesse nas formas de cuidado e existência (ou resistência), eis o principal feito desta pesquisa.

Entre os diversos elementos positivos que o livro nos traz, o principal remonta ao fato de que é preciso pensar como as estruturas sociais ressoam nas experiências individuais. No caso, como as diversas formas de transfobia encarnadas em atos como a exclusão familiar, social, do mercado de trabalho, o deslocamento constante, a negação do cuidado, e as críticas, somam-se ao já complexo processo de mudanças que lidam com questões psicológicas e físicas que se contrapõem diretamente ao dever ser da matriz heteronormativa, e, principalmente, afetam dois dos modos mais valorizados de interação entre os sujeitos: a relação familiar e a relação amorosa.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

\_\_\_\_\_, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Crettiez, Xavier. **As formas da violência**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.